



homens esquecidos: escravos e trabalhadores livres no brasil - séculos XVIII e XIX

EISENBERG, Peter L. – 1989. *Homens Esquecidos: escravos e trabalhadores livres no Brasil – séculos XVIII e XIX*. Campinas, Editora da UNICAMP, 394p., (Coleção Repertórios).

Iraci del Nero da Costa *

Distribuídos em quatro partes reúnem-se, em volume dedicado à memória de Peter L. Eisenberg, quinze ensaios que sintetizam sua contribuição à historiografia brasileira. A primeira parte é voltada à economia e à sociedade do Nordeste açucareiro. A transição do trabalho escravo para o livre é o tema comum aos estudos integrantes da parte subsequente. Os “homens esquecidos” – trabalhadores livres, forros e cativos – dominam os artigos que compõem a terceira parte. Na última, por fim, vão estampados escritos concernentes ao surgimento e evoluir da economia de exportação de açúcar em São Paulo e as conseqüentes mudanças sociais dela decorrentes; tema este que ocupou vários anos de pesquisa e em função do qual o autor chegou ao pleno amadurecimento intelectual como historiador que se distinguia pela visão global dos processos sociais, políticos, demográficos e econômicos.

Evidentemente, foge ao escopo desta breve resenha estabelecer o balanço dos inúmeros contributos devidos a Peter Eisenberg; parecendo-nos óbvio, além disto, que só se poderá hauri-los com base na leitura atenta de sua obra. Não obstante, e sempre cingindo-nos ao genérico, permitimo-nos algumas observações com as quais pretendemos realçar alguns temas marcantes dos ensaios ora agrupados.

Os três primeiros estudos vinculam-se à sua tese de doutorado, publicada em inglês e posteriormente em português, intitulada *Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco, 1840-1910*. Como explicitado neste título, a preocupação central presente em tais ensaios foi evidenciar, com forte e original embasamento empírico, os limites da adoção de novas técnicas de produção do açúcar e da abolição da escravatura e introdução generalizada do trabalho livre no Nordeste. Predomina, pois, a permanência, a qual, exemplarmente ex-

* Professor da FEA-USP.

plorada por Caio Prado Júnior, muitos de nós estamos a redescobrir nos dias correntes, tanto no plano de alguns fenômenos demográficos, como no que tange à vida econômica e ao comportamento das classes dominante da sociedade brasileira

Vemo-nos, assim, remetidos à história das mentalidades, tratada nos três ensaios subsecutivos e dedicados à transição do trabalho escravo ao livre. Sua conclusão maior aponta no sentido da dominância das semelhanças entre as opiniões e posturas de distintos segmentos da classe dos proprietários de terras vinculados às economias de exportação do açúcar e do café.

Já ao nível do concreto, no sétimo estudo, o autor chama a atenção, com respeito ao caso brasileiro, para “a continuidade entre o regime de trabalho do escravo e o regime de trabalho de um homem livre – o proletário”. Assim operando, visou a enfrentar as restrições classicamente levantadas contra o primeiro quando estabelecido o confronto entre o trabalho cativo e o assalariado, quais sejam: inferioridade do trabalho escravo por motivos psicológicos, maior custo de supervisão, inibição quanto ao aperfeiçoamento e melhor qualificação do trabalhador e conseqüente impacto sobre emprego de técnicas avançadas e, por fim, a limitação imposta ao desenvolvimento do mercado interno dada a ausência de demanda derivada da remuneração em espécie do trabalhador direto. Embora endossemos as conclusões do artigo no que diz respeito à impertinência, para o caso do Brasil, dos pontos acima arrolados, não podemos deixar de lhe apor duas qualificações. Em primeiro, deve-se reconhecer que as similitudes encontradas pelo autor ao cotejar trabalhadores livres e escravos caem por terra se tivermos presente a citação extraída do primeiro volume de *O Capital* que ele mesmo teve o cuidado de incluir na quarta nota de seu trabalho: “The essential difference between the various economic forms of society, between, for instance, a society based on slave-labour, and one based on wage-labour, lies only in the mode in which this surplus-labour is in each case extracted from the actual producer, the labourer” (MARX, 1967). Ademais, parece-nos que a maneira correta de responder àquelas restrições está em revelar as diferenças entre o escravismo moderno (“una esclavitud puramente industrial”, como assevera Marx no primeiro volume dos *Grundrisse*) e o antigo, e isto Peter não fez.

A preocupação com cativos e trabalhadores livres nos conduz aos três estudos reunidos na terceira parte do livro, nos quais, como avançado, tratou-se de livres, libertos e escravos, estes verdadeiros homens esquecidos que aparecem no título do volume. Tal filão, proficentemente garimpado pelo autor, revelou-se dos mais ricos e tem inspirado grande número de dissertações e teses na área da história econômica, social e demográfica desenvolvidas nos últimos lustros. Resgatar os que se definiam como êxules em suas próprias plagas representou para Peter Eisenberg uma definitiva aproximação da demografia histórica a qual, acrescentasse, o mesmo entendeu, desde logo, em toda sua dimensão interdisciplinar. É justamente esta compreensão globalizante que informa os últimos quatro ensaios dados a público. Neles são reportados resultados parciais de uma pesquisa de longo fôlego com a qual o autor se comprometera há muito e que, infelizmente, restou inacabada. Ao debruçar-se sobre a evolução de Campinas (SP), desde seu surgimento como pequeno bairro rural com apenas quarenta famílias até sua afirmação como importante núcleo regional produtor de açúcar, não esqueceu os necessários condicionamentos internacionais derivados da desorganização do mercado mundial do produto (guerras de independência das colônias inglesas norte-americanas e da colônia fran-



cesa de São Domingos), bem: como não deixou de lado as inter-relações colocadas no plano interno. Ademais, a comunidade e seu evolver foram vistos como um todo integrado no qual conjugavam-se variáveis com caráter econômico, sociológico e demográfico. Esta perspectiva, apenas denunciada nos escritos em tela, fica patente no projeto intitulado *Da agricultura de subsistência para a agricultura de exportação: Campinas, São Paulo, 1767-1829*, submetido à FAPESP em outubro de 1982. Esta peça riquíssima e de grande valia para os que pretendam perfilhar as hodiernas linhas de pesquisa do campo da história demográfica e econômica, embora disponível em cópias esparsas, não foi juntada a *Homens Esquecidos*.

Eis, pois, arrolados alguns elementos definidores da superior qualidade da obra de Peter Eisenberg, indelevelmente inscrita em nossa historiografia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MARX, Karl. – 1967. O Capital – 3 vols., Frederick Engels, *The german ideology*, C.J. Arthur (ed.). New York, International Publishers, s/d, v.3, pp. 791-2.